

DEPARTAMENTO DE LETRAS
ANÁLISE ESTILÍSTICA
DO TEXTO “GIGOLÔ DAS PALAVRAS”,
DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO²⁶

Janaína Oliveira (UERJ)
Patrícia Graeff Viana (UERJ)
Priscilla de Souza Cruz (UERJ)

INTRODUÇÃO

Objetiva-se, neste estudo, proceder a uma análise estilística do texto de Luís Fernando Veríssimo, intitulado “Gigolô das Palavras”. Busca-se, sobretudo, verificar os recursos estilísticos presentes na crônica, que contribuem para o envolvimento do leitor e possível adesão à tese nela defendida. Para tanto, a análise do “corpus” que ora se apresenta subdivide-se em dois momentos, a saber: (1) o ensino de gramática; (2) o estilo irônico do autor.

CORPUS

O gigolô das palavras

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa (“Culpa da revisão! Culpa da revisão!”). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando pos-

²⁶ Uma versão deste trabalho foi apresentada na I Jornada Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos da Língua Portuguesa, no dia 5 de novembro de 2006, em comemoração ao Dia Nacional da Língua Portuguesa.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

sível surpreender, iluminar, divertir, mover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com gramática.) A gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra para poderem carregar o caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em gramática pura.

Claro que eu não disse isso tudo para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas – isso eu disse – vejam vocês, a intimidade com a gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas exemplar conduta de um cáfeten profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenho também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção dos lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A gramática precisa apanhar todos os dias pra saber quem é que manda.

ANÁLISE DOS DADOS

O ensino de gramática

A gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro de sua natural diversidade (Celso Cunha, 1985). Sua função é estudar e registrar os fatos da língua geral ou padrão, normatizando-a e estabelecendo regras para o seu uso oral e escrito. Logo, considerando estes conceitos e principalmente o texto “Gigolô das palavras”, percebe-se que a gramática exerce a preocupação com a parte intelectual da língua. Embora possua as regras de funcionamento da linguagem, ela se en-

contra isolada e, sendo assim, não consegue estabelecer comunicação, como expressa o seguinte excerto: “A gramática é o esqueleto da língua. (...) É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz ainda, não tem futuro.”

A frase “Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado?” reflete acerca da importância da gramática. Veríssimo questiona o fato de ele e, não outro Veríssimo, estar sendo entrevistado para falar da língua de acordo com os princípios gramaticais, logo ele, que afirma: “Sempre fui péssimo em Português. Mas a intimidade com a gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras.”

Com relação à passagem do texto que apresenta a gramática como esqueleto da língua e, portanto, predominante “nas línguas mortas, e de interesse restrito a necrólogos e professores de latim, gente em geral pouco comunicativa”, observa-se que há uma referência à questão de a gramática por si só não estabelecer comunicação, precisando, portanto, de algo que lhe complemente. A gramática, ligada à parte intelectual da língua, dita as regras de norma culta e objetiva sobrepor o conceito racional ao uso coletivo. Ao estabelecer-se a intercalação comunicativa, conceitos subjetivos que abrangem o aspecto emotivo da língua, concretizam-se os desvios, estudados pela Estilística. Esta, com seu teor individual e afetivo, com sua capacidade de suggestionar e envolver o outro pela linguagem, surge para complementar a gramática. Nota-se ainda que o conceito de Norma difere-se de Estilo: enquanto o primeiro assume características do coletivo, é frequente, habitual, invariável, comum, gramatical e sistemático; o segundo compreende a escolha de formas lingüísticas, apresenta desvios, é individual, variável, inesperado e surpreendente.

Considerando ainda a distinção entre Norma e Estilo, assim como a afirmação de Veríssimo: “escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo”, percebe-se que “a sintaxe não é uma questão de uso e sim de princípios”. Embora a estrutura “escrever claro” não esteja de acordo com os princípios gramaticais (o correto seria utilizar o advérbio claramente), a comunicação não deixou de ser estabelecida. Compreende-se, portanto, que o falante optou intencionalmente por determinada forma lingüística, que não estaria ao gosto dos gramáticos, por uma questão de estilo. Desse modo, nota-se que a construção do discurso não deve ser embasada apenas por regras lingüísticas, mas também pela intenção do falante, que varia de acordo com o contexto.

O estilo irônico de Luis Fernando Veríssimo

Observa-se que Veríssimo age ironicamente ao afirmar que com a sua escrita comete “afronta às leis da língua”. O que o cronista deseja expressar através da sua fala é que tais “afrontas”, ou seja, os desvios à norma culta, constituem um traço estilístico e não um erro gramatical. Isso se explica pelo fato de Veríssimo ser um escritor renomado e, portanto, conhecedor das regras gramaticais. Suas “afrontas” funcionam como ferramentas, através das quais pode-se comprovar que ele consegue escrever, sem portanto, fazer uso correto das regras gramaticais, além de obter êxito na transmissão da mensagem dirigida ao leitor. Logo, seus desvios são intencionais, utilizados como estratégias discursivas, visando obter maior expressividade. Esse desvio intencional pode ser exemplificado no seguinte excerto: “Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer escrever claro não é certo, mas é claro, certo? O importante é comunicar.” Com este fragmento do texto em questão é possível notar que Veríssimo é conhecedor das normas gramaticais, porém optou neste caso pela expressividade. Desse modo, compreende-se que o uso das normas gramaticais é importante, mas não essencial, e a Estilística, ligada à parte emotiva, em muito contribui à parte intelectual da língua.

CONCLUSÃO

Considerando estas observações com relação a estilo e norma, vê-se que o primeiro direciona-se ao aspecto individual do falante. Há neste caso, a intenção de expressividade, em que o falante utiliza estratégias lingüísticas com o objetivo de afetar, sensibilizar o leitor ou ouvinte.

A segunda está relacionada a um âmbito sistemático da língua, restrito a padrões gramaticais comuns aos falantes. Deste modo, desviar-se da norma é errar e fazer mau uso da língua.

Apesar destas diferenças estabelecidas entre norma e estilo, não significa afirmar que elas estão em campos afastados, pelo contrário, há uma ligação entre estes aspectos. A Estilística, na verdade, não é contra as normas gramaticais, mas sim um complemento destas normas. No sentido de interação, estilo vem para facilitar a expressão do indivíduo como falante ou escritor, não se restringindo a um padrão de uso da língua e sim a variação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 43-59.

BOTELHO, José Mário. *Estudos de estilística*. Fundação Educacional de Duque de Caxias. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Curso de Letras, [s.d.].

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O gigolô das palavras*. 8ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CUNHA, Celso F. & CINTRA, Luís F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.